



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
revistaaffectiosocietatis@udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
Colombia

Tipo de documento: Artículo de Reflexión

2024

Sharlize Prates Pinto & Milena da Rosa Silva

Contribuições ferenczianas para uma ética do cuidado na pesquisa psicanalítica

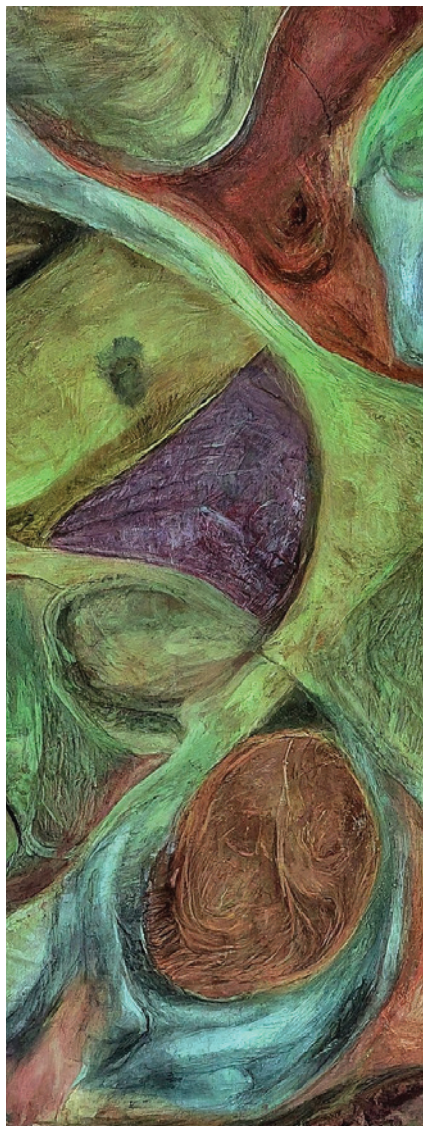
Revista Affectio Societatis, Vol. 21, N.º 40, enero-junio de 2024

Art. # 08 (pp. 1-18)

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

ARTÍCULO DE REFLEXIÓN



CONTRIBUIÇÕES FERENCZIANAS PARA UMA ÉTICA DO CUIDADO NA PESQUISA PSICANALÍTICA

Sharlize Prates Pinto¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

sharlizeprates@gmail.com

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-8271-5653>

Milena da Rosa Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

milenarsilva@hotmail.com

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-1063-4149>

DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.affs.v21n40a08>

Resumo

A questão do método no desenvolvimento de pesquisas em psicanálise ainda é problemática, o que resulta na dificuldade de muitos pesquisadores desse campo em explicitar um caminho de pesquisa que possa ser percorrido por outrem. Este artigo reflete acerca da escolha metodológica em uma pesquisa psicanalítica a partir de uma discussão sobre a ética do cuidado, amparada nas con-

tribuições ferenczianas. Propomos pensar em três momentos da pesquisa. O primeiro momento, da hospitalidade, que se ampara no processo de escuta. O segundo momento, de escrita dos diários clínicos no contexto de pesquisa, traz algo do que o pesquisador vivencia naquele momento, inquietações no processo de escuta clínica. No terceiro momento, tais vivências são unificadas através

1 Psicóloga formada pela UFCSPA. Mestre em Psicanálise, Clínica e Cultura - UFRGS.

2 Psicóloga. Doutora em Psicologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS). Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da UFRGS.

da escrita e sua teorização. Assim, a partir de tal experiência de pesquisa, propomos que as contribuições de Ferenczi oferecem ferramentas para uma ética na pesquisa em psicanáli-

se, principalmente em contextos de violência.

Palavras-chave: metodologia; psicanálise; Ferenczi; ética.

CONTRIBUCIONES FERENCZIANAS A UNA ÉTICA DEL CUIDADO EN LA INVESTIGACIÓN PSICOANALÍTICA

Resumen

La cuestión del método en el desarrollo de la investigación en psicoanálisis sigue siendo problemática, lo que hace que muchos investigadores de esta área tengan dificultades para explicitar un camino de investigación que puedan seguir otros. En este artículo se reflexiona sobre la elección metodológica en la investigación psicoanalítica a partir de una discusión sobre la ética del cuidado, apoyada en las aportaciones de Ferenczi. Proponemos pensar la investigación en tres momentos. El primer momento, de hospitalidad, que se apoya en el proceso de escucha. El segundo momento, de escritura de diarios clíni-

cos en el contexto de la investigación, aporta algo de lo que el investigador experimenta en ese momento, preocupaciones en el proceso de escucha clínica. En el tercer momento, estas vivencias se unifican a través de la escritura y su teorización. Así, a partir de esta experiencia de investigación, proponemos que las contribuciones de Ferenczi ofrecen herramientas para la investigación ética en psicoanálisis, especialmente en contextos de violencia.

Palabras clave: metodología; psicoanálisis; Ferenczi; ética.

FERENCZIAN CONTRIBUTIONS TO AN ETHICS OF CARE IN PSYCHOANALYTIC RESEARCH

Abstract

The question of the method in the development of psychoanalytic research remains problematic, which makes it difficult for many research-

ers in this field to make explicit a research path for others to follow. This paper reflects on the methodological choice in psychoanalytic research by

discussing the ethics of care based on Ferenczi's contributions. We propose to consider research in three moments. The first moment –hospitality– is based on the process of listening. The second moment –the writing of a clinical journal in the context of the research– brings something of what the researcher experiences at that moment, concerns in the process of clinical listening.

In the third moment, these experiences are unified through writing and their theorization. Thus, from this research experience, we propose that Ferenczi's contributions provide tools for ethical research in psychoanalysis, especially in contexts of violence.

Keywords: methodology; psychoanalysis; Ferenczi; ethics.

CONTRIBUTIONS FERENCZIENNES À UNE ÉTHIQUE DU SOIN DANS LA RECHERCHE PSYCHANALYTIQUE

Résumé

La question de la méthode dans le développement de la recherche en psychanalyse reste problématique, ce qui rend difficile pour de nombreux chercheurs dans ce domaine d'explicitier une voie de recherche à suivre pour les autres. Dans cet article, nous réfléchissons au choix méthodologique dans la recherche psychanalytique à partir d'une discussion sur l'éthique du soin, en nous appuyant sur les contributions de Ferenczi. Nous proposons de penser la recherche en trois moments. Le premier moment, celui de l'hospitalité, qui repose sur le processus d'écoute. Le deuxième moment, celui

de la rédaction de journaux de bord cliniques dans le contexte de la recherche, apporte quelque chose de ce que le chercheur vit à ce moment-là, des préoccupations dans le processus d'écoute clinique. Dans le troisième moment, ces expériences sont unifiées par l'écriture et la théorisation. Ainsi, à partir de cette expérience de recherche, nous proposons que les contributions de Ferenczi offrent des outils pour une recherche éthique en psychanalyse, en particulier dans les contextes de violence.

Mots-clés : méthodologie ; psychanalyse ; Ferenczi ; éthique.

Recibido: 10/17/2021 • Aprobado: 04/15/2024

Introdução

O processo de pensar a pesquisa com o método psicanalítico é composto de diversas particularidades e é considerado, conforme afirma Mezan (2006), um território bastante heterogêneo. Apesar dessa diversidade, o autor aponta que existiria um solo comum: todos os autores identificam uma *questão* e a investigam com os meios conceituais oferecidos pela psicanálise (Mezan, 2006). Diferentemente das ciências positivistas, cujas pesquisas buscam mensurar determinado fenômeno através de escalas, protocolos e análises quantitativas, a pesquisa em psicanálise busca, como bem pontuam Fortes e Macedo (2018), sustentar suas bases como uma ciência fora do âmbito da ciência tradicional e amparada na ética do método psicanalítico.

A inclusão da Psicanálise no cenário acadêmico tem se tornando uma fonte de discussões acerca da relação entre a Psicanálise e a prática de pesquisa, apontando desafios e diversas possibilidades (Macedo & Dockhorn, 2015). Ainda, no quadro dos programas de pós-graduação no Brasil, a questão do método no desenvolvimento de pesquisas em psicanálise continua sendo, segundo Fulgêncio, Birman, Kupperman e Leal (2018), uma questão problemática. Nela se colocam em cena interrogações quanto ao estatuto da psicanálise enquanto ciência, bem como a dificuldade dos pesquisadores em psicanálise de explicitar um caminho de pesquisa que possa ser percorrido por outrem. Trata-se de uma ciência fora do âmbito convencional, mas que nem por isso abdica de critérios de validação rigorosos (Fortes & Macedo, 2018).

A pesquisa em psicanálise marca a sua diferença em relação às demais abordagens metodológicas, segundo Iribarry (2003), por não incluir em seus objetivos a necessidade de uma inferência generalizadora, pois seus resultados modificam a maneira como os pesquisadores irão demarcar sua posição em relação aos novos sentidos produzidos pelo texto que torna a pesquisa pública (Iribarry, 2003, p. 117). Aqui, pontuamos a pesquisa em psicanálise especificamente com o método psicanalítico, em que “a exigência de presença do psicanalista enquanto psicanalista é incontornável” (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 259) e, como sinalizam os autores, neste processo investigati-

vo “desaparece a respeitosa distância entre ‘pesquisador’ e ‘referencial teórico’ para dar lugar a um corpo-a-corpo do qual a psicanálise, Deus seja louvado, não sairá tal como entrou” (p. 259).

Neste encontro da pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico está a clínica, que oferece o escopo, a partir das inquietações ali geradas no exercício da escuta psicanalítica, para que a pesquisa seja traçada e desenvolvida. Para Freud, “um dos méritos que a psicanálise reivindica para si é o fato de nela coincidirem pesquisa e tratamento” (Freud, 1912, p. 114). Freud sempre manteve uma postura investigativa, partindo da sua experiência clínica para pensar sistematicamente reconfigurações teóricas e técnicas (Silva & Macedo, 2016), mas atento ao cuidado de não trabalhar cientificamente um caso antes que o mesmo fosse concluído.

Discípulo de Freud, Sándor Ferenczi trouxe contribuições importantes para pensarmos acerca do método psicanalítico. O psicanalista húngaro enunciava, de modo recorrente, uma pergunta simples: “o que, no fim das contas, é ser um psicanalista?” (Birman, 2014, p. 49). Ferenczi era considerado um psicanalista dos casos difíceis, das estruturas psíquicas situadas nas fronteiras do impossível (Birman, 2014). Casos recusados pelos seus colegas, até então, eram absorvidos na sua clínica: psicoses, estruturas psicossomáticas e neuroses narcísicas não deixavam de ser acolhidas no seu divã. Não se recusava a psicanalisar estruturas psíquicas solucionáveis no contexto metodológico então instituído da comunidade psicanalítica, pelo contrário, respeitava as exigências éticas de tal enquadre. Mas, justamente pela sua postura ética, questionava os seus limites e impossibilidades (Birman, 2014). Tal questionamento produziu incômodo para os psicanalistas da sua geração. Ele questionou não apenas as formas como os analistas compreendiam a experiência analítica, seu método, suas técnicas, o lugar do analista ao longo do processo, mas também as formas de transmissão da psicanálise (Birman, 2014).

As críticas de Ferenczi resultaram em textos importantíssimos, revisitados na atualidade. Em *Elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, 2011/1928), os analistas são convocados a sair de sua posição de saber e a se colocar mais horizontalmente na situação clínica,

“propondo ao terapeuta uma elasticidade de sentir com seus pacientes seus caprichos e humores, porém mantendo, ao mesmo tempo, o exame e a crítica das associações livres e de suas próprias tendências” (Gondar, 2020, p. 38). Kupermann, acerca das contribuições de Ferenczi e o lugar do analista, nos traz que:

Dessa maneira, as contribuições teóricas ferenczianas, baseadas na concepção de que a subjetividade se constitui a partir das vivências corporais e afetivas experimentadas no contato com o Outro, como dita em seu conceito de “introjeção”, culminaram na criação de um estilo clínico marcado pelo acolhimento empático e pela *presença sensível* do psicanalista, que passava a se oferecer como suporte afetivo para as experiências de regressão à dependência, bem como de júbilo criador, dos seus analisandos. (2017, p. 18).

Assim, é através das experiências analíticas que se cria a condição concreta para uma construção teórica da metapsicologia (Birman, 2018; 1992). Logo, a clínica representa o lugar onde se empreende a constituição da teoria em psicanálise, sendo delineada na sua dimensão epistemológica, lugar da produção do saber psicanalítico como também onde se define a veracidade e a consistência dos conceitos psicanalíticos. Porém, citando Figueiredo e Minerbo, sempre atentos à preocupação freudiana em não subordinar as atividades clínicas terapêuticas a metas especificamente científicas (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Importante pontuar que as pesquisas em psicanálise não se restringem só à clínica *stricto sensu*, mas também podem ter como objeto investigativo processos socioculturais e/ou fenômenos psíquicos transcorridos e contemplados fora de uma situação analítica no sentido estrito (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 259). O objeto desta investigação, seja um paciente, uma comunidade, uma formação da cultura, um texto, não sai incólume quando submetido a uma atividade de pesquisa deste tipo (Figueiredo & Minerbo, 2006).

O pesquisador está submetido ao exercício de um saber que se autonomiza e dirige-se a um objeto que tal saber domina, manipula, ou seja, o objeto de pesquisa (Lo Bianco & Costa-Moura, 2013). Como as autoras bem sinalizam, a consequência dessa relação com o objeto

de pesquisa é de um pesquisador indissociável do material que analisa. Logo, o pesquisador tem participação ativa fundamental para que haja a emergência do material da escrita que ele é convocado a fazer (Silva e Macedo, 2016).

Em publicação anterior do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias NEPIs/UFRGS/CNPq (Silva *et al.*, 2022), as autoras se propuseram a refletir sobre os aspectos metodológicos da produção de uma pesquisa psicanalítica, com o foco nos procedimentos de registro, por perceberem a importância destes na construção de toda a experiência da pesquisa e do material produzido. Para tanto, as autoras propõem a construção da pesquisa psicanalítica a partir de três tempos: *o tempo da experiência, o tempo da escrita dos diários clínicos e o tempo do relato clínico.*

O primeiro tempo da pesquisa refere-se ao tempo do encontro com o campo, com o outro, com seus elementos de surpresa e encantamento. Trata-se do momento em que todo material clínico é tecido. Em um segundo tempo, são produzidos diários clínicos, os quais permitem que a analista/pesquisadora coloque ali suas percepções, sentimentos acerca dos atendimentos das mulheres, ou ainda, “isso que me passa” (Larrosa, 2011) em um relato íntimo e com narrativas importantes acerca das percepções dos atendimentos. Por fim, o Relato Clínico, momento proposto como um terceiro tempo de nosso processo de pesquisa, que envolve a teorização metapsicológica (Silva *et al.*, 2022).

Partindo da reflexão sobre a importância do material escrito que emerge da experiência, bem como das condições de produção de uma pesquisa a respeito da clínica em contexto de situações de violência, é que o presente artigo se coloca. Tomamos como ponto de partida a experiência da construção metodológica de uma dissertação de mestrado, a qual teve como eixo investigativo identificar, na narrativa de mulheres em situação de violência doméstica e familiar, elementos que permitissem explorar experiências do trauma e do desmentido, em diálogo com a teoria de Sándor Ferenczi. Tais mulheres eram acompanhadas dentro de um juizado de violência doméstica e já estavam com medidas protetivas contra seus agressores.

Propomos pensar, a partir desta experiência sensível da clínica com mulheres em situação de violência doméstica, a ética do cuidado na pesquisa psicanalítica com base em conceitos propostos por Ferenczi. Para tal, definimos tempos metodológicos como operadores da escrita, em diálogo entre tais conceitos e a proposição anterior do grupo de pesquisa (Silva *et al.*, 2022), sendo eles: a hospitalidade na experiência da pesquisa, os diários clínicos e por fim, o tempo da escrita e seus atravessamentos metapsicológicos.

A hospitalidade na experiência da pesquisa

A experiência na pesquisa diz sobre o encontro com o campo, com o outro, com seus elementos de surpresa e encantamento, e com a experiência produzida nesse encontro (Silva *et al.*, 2022). Ainda, segundo as autoras, a experiência supõe um acontecimento, o passar de algo que não sou eu, alheio a mim. É na experiência que está colocada a alteridade, a relação com o outro.

Citando Larrossa:

A experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa, um passo para outra coisa, para esse ex de que falamos antes, para esse isso de “isso que me passa”. Mas, ao mesmo tempo, a experiência supõe também que algo passa desde o acontecimento para mim, que algo me vem ou me advém. (2011, p. 8).

Pensando no campo da experiência como o ambiente em que o pesquisador se coloca, retomamos a ideia da importância deste lugar. Ferenczi, ao longo das suas construções teóricas, acentuam a função do ambiente como primordial. Em seu escrito acerca dos princípios para uma ética do cuidado, Kupermann retoma o conceito de hospitalidade presente no texto de Ferenczi “A adaptação da família à criança” (Ferenczi, 2021/1927). Neste ensaio, o autor traz uma réplica aos escritos freudianos acerca do estado de desamparo que marca o ser humano desde o seu nascimento, trazendo uma mudança de paradigma na discussão, não mais operada na experiência individual

do sujeito pulsional, mas sim na indiscernibilidade entre o bebê e o ambiente - a família que o acolhe (Kupperman, 2017).

Quando Ferenczi faz a torção da adaptação da família à criança, evidencia a importância dos pais no processo de reconhecimento das necessidades primordiais dos filhos e o preparo do ambiente para a recepção e hospitalidade daquela criança que chega. Para tanto, o autor sinaliza a necessidade do cuidador não ignorar os acessos da criança perante suas dificuldades, para que não haja o recalçamento das suas emoções, mas sim, que se trate as crianças com prudência, “permitindo-lhes que ajam até um certo ponto de acordo com seus impulsos, oferecendo-lhes, por outro lado, a possibilidade de sublimá-los, então o caminho será para eles muito mais suave, e aprenderão a orientar suas necessidades primitivas no rumo da utilidade” (Ferenczi, 2021/1927, p. 8).

Assim, é sobre o fato de estar atento aos processos individuais de cada sujeito e ao não recalçamento de tais impulsos nas diversas fases do seu desenvolvimento que se baseia a hospitalidade descrita por Ferenczi. É através da hospitalidade que, segundo Kupermann (2019), o primeiro princípio para uma ética do cuidado em psicanálise é colocado, no sentido de que somos todos dependentes, ao longo da vida, da hospitalidade parental e familiar para acolher os modos de expressão das nossas singularidades. Nesse viés, através do entendimento da hospitalidade como um marcador conceitual importante nos escritos de Ferenczi é que tal conceito será tomado como um marcador importante dentro da experiência da pesquisa. É através da hospitalidade, do receber bem, de criar um ambiente acolhedor, que se ampara o processo de escuta.

Na clínica do psicanalista, a hospitalidade implica a possibilidade de reconhecer o analisando como um estrangeiro que possui uma língua estranha ao analista, para que, assim, se evite na situação analítica a reprodução do desmentido (Osimo & Kupermann, 2012). Logo, se tem o cuidado para que a língua do analisando não seja de alguma forma desautorizada por outra que queira se colocar como legítima da verdade.

No campo da pesquisa, a hospitalidade vai se fazer presente através da experiência em campo. É a partir do material que emerge desta relação que iremos pensar a hospitalidade na clínica e dentro do pro-

cesso de pesquisa. Lo Bianco (2003) nos traz que é dentro da relação, do processo em que estão implicados o analista e o analisante, que o inconsciente irá se constituir e se fazer presente no ato da escuta do analista, pois é ao se constituir e dar consistência ao objeto e divisar-lhe o modo de operação, que se concebe o método de pesquisá-lo. É nesse “entre” dessa relação que a pesquisa se coloca, no sentido de buscar respostas a um determinado fenômeno que se pretende investigar.

Assim, a prática da hospitalidade na escuta engloba uma atitude que exprime o acolhimento ao outro e às suas necessidades, legitimando uma linguagem própria e reconhecendo-a como provida de singularidade. A natureza hospitaleira da escuta psicanalítica evoca, portanto, o papel do outro ao exercer a função de receptividade incondicional a fim de favorecer a expressão de processos subjetivos singulares. (Kegler & Macedo, 2021, p. 907).

É em função do entendimento da hospitalidade, do receber bem, do acolhimento como amparo essencial ao processo de escuta, que tal conceito deve ser tomado como um marcador metodológico. No acolhimento de mulheres marcadas pela experiência da violência, contexto de pesquisa do qual parte a presente reflexão metodológica, esse primeiro momento é primordial, no sentido de uma não (re)produção de uma nova violência.

Na escrita da dissertação de mestrado discutimos o caso de Judite, nome fictício dado a uma das mulheres acompanhadas a partir do Projeto Borboleta, inserido 1º e 2º Juizado de Violência Doméstica e Familiar do Fórum Central de Porto Alegre. O encaminhamento de Judite é realizado dentro do processo de violência doméstica através de um Despacho Judicial pelo juiz(a) que acompanha o caso. Para tanto, era solicitado um Relatório Psicológico a ser anexado dentro do processo, com o objetivo de verificar as situações de violência sofridas, na perspectiva desta mulher.

A entrevista e a escuta são mais intencionais, no sentido de levantar dados específicos acerca das violências sofridas, direcionando algumas questões a serem abordadas com base no Formulário Nacional de Avaliação de Risco, mas também fazendo deste primeiro

momento um espaço de deixar falar livremente. Apesar do cuidado em viabilizar uma escuta acolhedora, a responsabilidade colocada pela demanda judicial acaba por atravessar esse primeiro momento da escuta. Para tocar em temas sensíveis, como por exemplo, os tipos de violência sofridos, fazia-se necessário rememorar junto a estas mulheres, muitas das suas vivências difíceis.

Neste sentido, a hospitalidade implicada na escuta contribui para que as mulheres encontrem seu lugar no *setting* terapêutico como um espaço seguro, permitindo que elas expressem suas questões com mais segurança. A partir do momento em que passa a se enxergar como sujeito da sua própria história, rompe paradigmas, preconceitos e resistências ao ato de relatar a si mesmo.

Gondar (2016), acerca dos estudos do trauma de Ferenczi, nos sinaliza que a comoção psíquica do processo traumático acontece em um segundo momento, no qual o sofrimento de quem experimenta a violência não é reconhecido. Portanto, a hospitalidade no encontro entre as pesquisadoras e as participantes da pesquisa é fundamental para que a pesquisa produza acolhimento ao invés de violência.

Relatar a experiência: os diários clínicos

Diários Clínicos (1990/1969), obra publicada quase 40 anos após a morte de Ferenczi, datilografada pela sua secretária no ano de 1932 e interrompida, muito em função do seu adoecimento, da interrupção da clínica e sua morte no ano de 1933, traz, conforme escrito em seu prefácio por Dupont, o “mergulho no mais íntimo de si mesmo, e em pleno questionamento”. Ferenczi, lançando olhar crítico sobre sua atuação enquanto analista, escreve sobre os seus casos clínicos as suas percepções, vivências, deixando explícita a sua sensibilidade enquanto analista, chegando por vezes a questioná-la quando escreve “essa sensibilidade é uma propriedade puramente pessoal em mim, ou um fato humano em geral?” (p. 97).

Quando pensamos em diários clínicos, imaginamos a diversidade de materiais que ali se colocam. Silva, Oliveira e Ferrari (2021) nos con-

vocam a pensar sobre o que esse tipo de material abarca, para além de um relato meramente descritivo e objetivo, mas de uma escrita pessoal que propõe falar deste *isso que me passa*, descrito por Larrosa (2011).

A experiência é “isso que me passa”. Vamos agora com esse *isso*. A experiência supõe, como já vimos, que algo que não sou eu, um acontecimento, passa. Mas supõe também, em segundo lugar, que algo me passa [...]. É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar (2011, p. 6, grifo do autor).

Logo, a escrita de diários no contexto de pesquisa traz em si algo daquilo que o pesquisador vivencia naquele momento, inquietações, narrativas importantes, observações no processo de escuta clínica. Além disso, traz percepções do próprio pesquisador/analista neste cenário, do modo como se sente, daquilo que nele desperta e atravessa, fruto do processo e da relação terapêutica. É o lugar do registro de toda experiência do pesquisador que será utilizado na teorização metapsicológica. Para Iribarry, “o diário clínico permite que o pesquisador deixe fluir associações significantes formando uma trama, um tecido textual, em que sua experiência fica registrada” (Iribarry, 2003, p. 126).

No ensaio *Elasticidade da técnica psicanalítica* (2011/1928), Ferenczi traz percepções acerca do seu sentimento enquanto analista, quando fala de um outro conceito importante em sua obra, do *Einifühlung*-do alemão, sentir com, que tem sido traduzido como empatia. Aqui, pensamos que *sentir com* nos parece uma tradução mais apropriada, pois empatia nos dá a ideia de sentir igual/como o outro, quando na realidade entendemos que a ideia expressa por Ferenczi é de sentir com o outro. Ferenczi descreve como tato psicológico:

(...) de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, quando se pode declarar que o material fornecido é suficiente para extrair dele certas conclusões; em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada; como se deve agir a uma reação inesperada ou desconcertante do paciente; quando se deve calar e aguardar outras associações; e em que momento o silêncio é uma tortura inútil para o paciente, etc. (2021/1927, p. 27).

Trata-se daquilo que Kupermann (2017) vai considerar como um segundo princípio para uma ética do cuidado. A vantagem do *sentir com* é o poder de penetrar profundamente nas sensações dos outros e o desejo de ajudar, que os pacientes acolhem com gratidão. Cedo ou tarde, o paciente deixa de encontrar qualquer proveito no simples “sentir com”. “Ou querem ficar comigo e que eu os faça felizes para o resto da vida” (Ferenczi, 1990/1932, p. 97).

É essa sensibilidade do analista, a qual Ferenczi tanto menciona em seus trabalhos, que os diários clínicos buscam transcrever. É parte das narrativas dos diários, aquilo que me passa, do que me afeta, que compõe a sua escrita. Pensando nisso, Kupermann (2017) rememora a concepção ferencziana da palavra, não apenas como um modo de expressão, mas também a expressão de uma onipotência criadora, da relação com o gesto, “ a palavra-gesto, a palavra-corpo, preserva o poder de afetação do outro e, portanto, o poder de influenciá-lo” (p. 33).

No contexto de pesquisa que embasou a presente proposição metodológica, ao final de cada sessão com mulheres acompanhadas, foram escritos, em um caderno, relatos e percepções acerca das questões trazidas em sessão. Essa escrita era menos intencional, mais livre, no sentido de registrar questões em relação à compreensão do que emergia na sessão, do que se passava ali, do que mais chamavam a atenção. Partes destes diários clínicos foram utilizados na discussão da dissertação.

O tempo da escrita e seus atravessamentos metapsicológicos

A teoria é lugar de endereçamento privilegiado do impacto que a experiência da escuta e da transferência causa no analista (Fulgencio & Coelho, 2018). Partindo deste trecho do texto de Fulgencio e Coelho acerca das relações entre empiria e teoria em psicanálise, entendemos a importância do lugar da teoria na escuta analítica e também junto da escrita. Assim, faz-se importante, após a passagem pelo tempo da hospitalidade e pela escrita dos diários clínicos, unificar tais vivências através da escrita e sua teorização. Para os autores:

As teorias, na psicanálise, são os lugares de elaboração de uma experiência singular, cujo impacto o analista sente “em seu ser”, segundo Lacan (1966a). Ao mesmo tempo, elas devem oferecer-se à partilha. Isso implica que ela deve preocupar-se em ser compreendida. (2018, p. 53).

É através da elaboração da experiência que surge o tempo de teorização metapsicológica da escrita. Para isso, Silva, Oliveira e Ferrari (2021) sinalizam que é necessário revisitar todo material dos diários clínicos e envolvê-lo na teorização metapsicológica, permitindo então, após a análise de todo material, o recorte teórico-clínico para tecer tais articulações. Neste sentido, a elaboração teórica tem, por traço, ser partilhável, transmissível e endereçada ao outro (Fulgencio & Coelho, 2018, p. 51).

Freud (1996/1915), na sua série de textos que discute a metapsicologia na psicanálise, nos convoca a pensar nos fundamentos da atividade científica e sua teorização acerca dos fenômenos, quando diz que:

O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, ideias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais ideias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. (p. 70).

Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas (Freud, 1996/1915, p. 71). Para Fulgencio (2003), quando Freud trata das ideias abstratas, está falando das pulsões, cuja finalidade no material clínico é de ordenar e integrar os fatos a serem analisados sistematicamente, um conceito metapsicológico pressuposto para que então, os fundamentos empíricos possam

ser entendidos. É através do conceito que é possível constituir um saber sobre o objeto.

Vorsatz (2018) nos convida a pensar que somente a percepção imediata (e sua descrição) da diversidade do campo sensível não faz com que seja possível constituir um saber, episteme, mas apenas uma opinião baseada na impressão sensível. A constituição de um saber somente se daria através da definição conceitual, que atua como operador.

Para a análise dos diários clínicos, fruto dos registros dos atendimentos com as mulheres em situação de violência, utilizamos, em um primeiro momento, a transcrição de todo material redigido inicialmente em cadernos para arquivos de texto. Posteriormente, foi realizada a leitura repetidas vezes. Então, foram destacados trechos deste material escrito e, a partir destes recortes, elencados eixos interpretativos que emergiram dessa análise, criando uma nova forma de abordar e organizar todo o material.³

Tal processo requer tempo, sendo utilizada aí, nas leituras e releituras feitas, a atenção flutuante, tal como a aplicação do método psicanalítico na prática clínica. Tendo como pano de fundo o fenômeno a ser estudado, o pesquisador passa a ler o material de forma a não privilegiar elementos do texto, deixando agir aí o seu inconsciente. É por meio desta singular forma de ler e reler o material, ou seja, o seu corpus de dados, que teorizações podem passar a alicerçar os eixos interpretativos que surgirão da análise do material. (Silva & Macedo, 2016, p. 528).

Considerações finais

Buscamos, através deste artigo, refletir acerca da construção metodológica de pesquisa a partir da experiência da escuta com mulheres em situação de violência. Abordamos conceitos fundamentais da obra de

3 Tal trabalho será apresentado com maiores detalhes em um outro artigo a ser desenvolvido.

Ferenczi, com destaque para a hospitalidade e o sentir com, para pensarmos em uma ética do cuidado na pesquisa psicanalítica.

Ferenczi defende a importância da presença sensível do psicanalista com o outro e tem seu estilo clínico marcado pelo acolhimento, ideia que ele desenvolve através do conceito de hospitalidade. Nela, está implicada o reconhecimento do analisando como um estrangeiro, o que possibilita, a partir daí, um preparo para recebê-lo. Esse reconhecimento do outro implica, na pesquisa em campo, no cuidado em não (re)produzir novas violências e ter, com o outro, uma escuta sensível, principalmente no que se refere à escuta em cenários de violência.

Outra contribuição do psicanalista húngaro que julgamos fundamental para a pesquisa em psicanálise é o conceito de sentir com. Aqui, especialmente, o autor fala desse lugar do analista em contato com a alteridade do outro, ou seja, uma aproximação da diferença. Ocupar esse lugar sensível de escuta na clínica, na pesquisa e na escrita em contextos de violência é primordial, visto que o lugar em que essas mulheres se encontram é permeado por experiências da ordem do trauma, da dor.

Assim, propomos que as contribuições de Ferenczi oferecem ferramentas para uma ética na pesquisa em psicanálise. Em pesquisas que partem da experiência clínica do analista e, principalmente, em contextos de violência, acreditamos que as reflexões deste autor contribuem para um fazer clínico-de pesquisa sensível e ético, que não produz violências.

Referências

- Birman, J. (1992). A clínica na pesquisa psicanalítica. In: *Atas do 2o Encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise: psicanálise e universidade* (pp. 7-37). PUC-SP.
- Birman, J. (2014). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan*. Contracapa.
- Birman, J. (2018). Clínica e poder na pesquisa psicanalítica. In: Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D. Y Leal Cunha, E. et al. (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise. Métodos e objetivos* (pp. 23-45). Zagodoni.

- Ferenczi, S. (2021/1927). A adaptação da família à criança. In: Ferenczi, S., *Obras Completas* (vol. 4, pp. 01-15). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011/1928). Elasticidade da técnica psicanalítica. In: Ferenczi, S., *Obras Completas* (vol. 4, pp. 29-42). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1990/1932). Vantagens e desvantagens do “sentir com” intensivo. In: Ferenczi, S., *Diários clínicos* (pp. 95-97). Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1990/1969). *Diário clínico*. Martins Fontes.
- Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: Algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a17.pdf>
- Fortes, I. & Macedo, M. K. (2018). Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa. In: Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D. Y Leal Cunha, E. et al. (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise. Métodos e objetivos* (pp. 106-122) Zagodoni.
- Freud, S. (2010/1912). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: *Obras completas* (vol. 10, pp. 111-122). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996/1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 69-83). Imago.
- Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Nat. hum.*, 5(1), 129-173. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v5n1/v5n1a05.pdf>
- Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D.; Cunha, E. L. (2018). *Modalidades de pesquisa em psicanálise. Métodos e objetivos*. Zagodoni.
- Fulgencio, L. & Coelho, D. (2018). As relações entre a empiria e a teoria na psicanálise - uma discussão de dois psicanalistas pesquisadores. In: Fulgencio, L., Birman, J., Kupermann, D. Y Leal Cunha, E. et al. (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise. Métodos e objetivos*. Zagodoni.
- Gondar, Jô. (2016). Terror, terrorismo e reconhecimento. *Cadernos de Psicanálise*, 38(35), 129-141. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v38n35/v38n35a08.pdf>
- Gondar, Jô. (2020). Psicanálise on line e elasticidade da técnica. *Cadernos de Psicanálise*, 42(42), 37-45. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v42n42/v42n42a03.pdf>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Kleger, P. & Macedo, M. M. K. (2021). O a posteriori da pesquisa em psicanálise: enlaces entre o tempo da narrativa e o da hospitalidade. *Psicologia em Revista*, 27(3), 901-922. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n3p901-922>
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. Zagodoni.

- Kupermann, D. (2019). Sándor Ferenczi e a criança nos adultos. *Estilos da Clínica*, 24(2), 178-181. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a01v24n2.pdf>
- Larrosa, J. (2011). Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, 19(2), 04-27. <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8(2), 115-123. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200003>
- Lo Bianco, A. C. & Costa-Moura, F. (2013). Ato teórico, ato ético. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 249-266. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n2/v45n2a02.pdf>
- Macedo, M. M. K. & Dockhorn, C. N. B. F. (2015). Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor. *Perspectivas em psicologia*, 12(2), 82-90. <https://www.redalyc.org/pdf/4835/483547667010.pdf>
- Mezan, R. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 227-241. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>
- Osmo, A. & Kupermann, D. (2012). Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em Estudo*, 17(2), 329-339. <https://www.scielo.br/j/pe/a/zhbBSFMNJdcDJfQnd8pppcP/>
- Silva, C. M. & Macedo, M. M. K. (2016). O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. *Psicol., Ciênc. Prof.*, 36(3), 520-533. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001012014>
- Silva, M. R., Oliveira, & B. C., Ferrari, A. (2022). Da experiência ao relato clínico: Desafios do registro em uma pesquisa psicanalítica. *Ágora*, 25(2), 31-38. <https://doi.org/10.1590/1809-44142022-02-04>
- Vorsatz, I. (2018). O conceito, o desejo e a ética: o desejo como móbil do conceito fundamental. *Ágora*, 21(2), 215-223. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018002007>